

5 Conclusão

5.1. Conclusões teóricas

Tentamos demonstrar, a partir do que foi verificado tanto na revisão da bibliografia tradicional como na leitura de estudos voltados para itens específicos relacionados ao aspecto verbal e aos verbos-suporte, a importância semântico-aspectual dos verbos de ligação dentro da oração.

Entendemos ser realmente necessária uma reflexão a partir do que mostra a Gramática Tradicional em relação a esses verbos. Mesmo no caso de uma aproximação, como faz Rocha Lima (1972, 39^a.ed.,2000:238), da questão aspectual, não existe a idéia de considerar o predicativo um complemento que forma com o verbo de ligação um item lexical significativo. Bechara (2001:414) é, dos autores citados, o que mais se aproxima dessa visão, ao considerar o predicativo um argumento que, segundo ele, é muito mais intrinsecamente relacionado com o verbo do que os demais integrantes do predicado complexo, como os objetos direto e indireto.

Assim sendo, podemos considerar que está aberto um caminho para novas possibilidades de entendimento do verbo de ligação e seu valor significativo junto ao predicativo.

Essa questão é o ponto principal sobre o qual focamos os nossos objetivos na presente pesquisa. Retomaremos, portanto, o início desse estudo em que citamos primeiramente o nosso objetivo teórico, que consiste em um novo olhar, por parte do professor de Língua Portuguesa, para o uso desses verbos, de modo que ele possa transferir de forma segura, tanto para o aluno de português como língua materna quanto para o aluno de português como língua estrangeira, uma idéia mais reflexiva e atrativa de entendimento do uso e da função desses verbos.

Vimos como de fato verbo e complemento têm igual importância na oração. Compreendemos que os verbos de ligação não fogem a essa regra, pois formam com o seu complemento, o predicativo, uma expressão significativa, em

que um exerce sobre o outro o seu papel. Essa junção se dá independentemente de como o predicativo é representado em termos morfológicos na oração podendo ser um substantivo, um adjetivo, um sintagma preposicional ou mesmo um advérbio. Não importa em qual classe gramatical ele está inserido. O que é importante é a função que ele irá exercer junto ao verbo.

Vimos também a importância da questão aspectual no estudo dos verbos. Uma alteração de sentido proporcionada por uma troca verbal, mesmo que sutil, altera de fato todo um enunciado e essas nuances nós encontramos nos verbos de ligação, de maneira tão ou até mais presente do que em outros verbos de classificação diferente.

Nossa análise nos possibilitou fazer uma ponte ligando esses verbos aos chamados verbos-suporte que atuam nos predicados nominais formados pelo verbo *estar* e suas variantes aspectuais, seguidos de preposição e nome, conforme nos mostrou Ranchhod (1990). Assim como os verbos-suporte, os verbos de ligação são, de certa forma, “esvaziados” semanticamente, mas não tanto a ponto de torná-los totalmente vazios de significado. Eles emprestam ao complemento valores semântico-aspectuais que o predicativo não pode manifestar por si só. São esses valores ou nuances que dão à oração o “tom” de uma mudança de estado, de uma continuidade, de uma habitualidade, dentre outras informações aspectuais, tornando a expressão como um todo mais rica a ponto de podermos pensar nela como um único item lexical.

Relacionado a isso está a questão da previsibilidade do complemento a partir do seu verbo. Um verbo pleno, ou seja, aquele que pertence ao predicado verbal, é seguido normalmente de um objeto, se transitivo. Um verbo transitivo carrega no próprio léxico uma força semântica que nos possibilita “prever” qual será o objeto. Desta forma, o complemento de *ler* será algo possível de ser lido, de *ouvir*, algo que possa ser ouvido e assim por diante. Com os verbos de ligação, da mesma forma que com os verbos-suporte, não temos essa previsibilidade. Assim, a força semântica existirá no conjunto verbo + predicativo.

Vimos também outras correspondências com os verbos-suporte, como por exemplo, a questão da referencialidade entre sujeito e predicativo, o que não ocorrerá necessariamente com os verbos plenos. Desta forma, *João está em crise* possui essa referência direta, já que não é possível imaginarmos uma crise que não seja a de João (*João está em crise da Ana). O mesmo ocorre com os verbos de

ligação. *João está doente* possui idêntica referência direta entre o predicativo “doente” e o sujeito “João” e não podemos colocar nenhum elemento na oração que retire o predicativo desta esfera de referência. Já com os verbos plenos isso não acontece, como, por exemplo, em *João ouviu o comentário*, em que João não será necessariamente o “sujeito” de comentário (João ouviu o comentário da Ana).

Isso nos levou à conclusão de que os verbos de ligação não somente atuam como os verbos-suporte. Eles são verbos-suporte também. Ambas as construções funcionam como item lexical único e possuem um valor semântico, principalmente aspectual, capaz de alterar um sentido na oração a partir da substituição do verbo de ligação por outro, o que acarretará em nuances de sentido importantes e significativas na oração.

Assim, identificamos o grupo formado pelos verbos de ligação como um subconjunto pertencente a um outro conjunto maior, o dos verbos-suporte. Por esses critérios, outros verbos que se comportam da mesma forma, como *entrar* ou *cair*, por exemplo, serão também analisados como verbos de ligação (“Entrar em coma” / “Cair doente”). O verbo *ser* fica no grupo como um verbo mais “neutro”, o que mais se aproxima de cópula, com menos nuances aspectuais em comparação aos demais verbos, mas que por isso mesmo torna tão importante a presença do seu complemento - predicativo, como delimitador semântico.

5.2. Aplicação da análise

Com esta visão teórica fica mais simples pensarmos em nosso objetivo prático, que é justamente o de transferir essa visão para a sala de aula, de forma a fazer o aluno de português como língua materna perceber essas características. Pensar no verbo seguido de predicativo como um item único é uma forma de facilitar o entendimento, principalmente no que se refere às mudanças aspectuais que o verbo proporciona, em conjunto com a idéia de ser o predicativo, como disse Bechara, um delimitador semântico do verbo de ligação como qualquer outro complemento verbal. Já para os alunos de português como língua estrangeira, fica lançada a idéia de fazê-los pensar, primeiramente, nas diferenças semântico-aspectuais entre os verbos *ser* e *estar*, caracterizadas em português pelo

próprio léxico, o que tende a ser um dificultador para falantes de outras línguas em que essa diferenciação lexical não existe. A partir dessa questão, eles verão os demais verbos como variações aspectuais e muitas vezes encontrarão similaridades em sua língua.

Os objetivos práticos não ficam por aí. A visão do item lexical único ajudará também na criação e avaliação de dicionários em geral, possibilitando a análise de unidades complexas em que o significado da expressão como um todo fornecerá interpretações que seriam impossíveis se verificados os termos isoladamente. O verbo apresenta noções intrínsecas observadas a partir da sua junção ao complemento. O significado no dicionário será visto como o do item lexical e não os dos elementos que o compõem separadamente.

5.3. Desdobramentos

Esperamos que a nossa pesquisa e suas conclusões sirvam de caminho para trabalhos futuros, pois acreditamos que o assunto não se esgotou e outras possibilidades de entendimento poderão surgir daí. A questão aspectual relacionada ao tempo verbal, por exemplo, poderá ser um ponto a mais a ser explorado na visão não só dos verbos de ligação como também dos demais verbos.

Costa (1997:48) faz uma identificação em termos aspectuais de tempos verbais:

Na verdade, o Pretérito Imperfeito representa aquilo que se poderia chamar o presente do passado, no sentido de que configura, em relação a fatos do passado, a mesma continuidade ou iteração e, por vezes, habitualidade que o Presente tem em relação ao momento da enunciação.

Em termos de comparação entre o Pretérito Perfeito e o Pretérito Imperfeito do Indicativo, podemos ver através dos exemplos abaixo, elaborados, que a questão do término de um fato é dada como ponto de referência no estudo aspectual:

(5.1) Maria *estava zangada* com o irmão.

(5.2) Maria *esteve zangada* com o irmão.

Com relação a isso, citamos Costa no capítulo que trata do Aspecto verbal e vimos que ela considera que, enquanto o uso do Pretérito Perfeito implica necessariamente a afirmação do fato como acabado, o Pretérito Imperfeito é não-marcado para essa noção, ou seja, nada informa sobre a existência ou não do limite final do fato enunciado (Costa, 1997:48).

Uma outra possibilidade de trabalhos futuros seria a verificação de como funciona o predicado verbo-nominal em comparação ao predicado nominal, ou seja, que pontos em comum possuem estes dois predicados em termos das funções semântico-aspectuais que o verbo pleno venha a exercer em conjunto com o seu complemento, também predicativo. A título de exemplo, podemos comparar *Ele entrou em pânico*, em que há um verbo de ligação, com *Ele entrou decidido*, em que *entrar* é efetivamente um verbo de movimento, locativo.

Dadas as conclusões a que chegamos nesse estudo, podemos também propor a elaboração de material didático que inclua itens voltados para o valor semântico-aspectual dos verbos de ligação, questão que é contemplada nos materiais existentes, porém, não de forma esclarecedora.

De qualquer modo, mostramos que existe um padrão nos chamados verbos de ligação e que este padrão tem a ver com as diferenças aspectuais.